

THEOPHILUS V

REUNIÃO 28



ECLESIASTES

PRAENOTANDA

Língua original: Hebraico bíblico tardio, com presença de aramaísmos e traços linguísticos que indicam fase posterior da tradição sapiencial. **Títulos:** קהלת (Qohelet): termo que significa “aquele que reúne” ou “o Pregador”; GREGO – Ἐκκλησιαστής (Ekklesiastēs): “o que fala na assembleia”, conforme a Septuaginta; LATIM – *Ecclesiastes*: forma mantida por São Jerônimo na Vulgata. **Tipo de livro** (Igreja Católica): Livro sapiencial de caráter reflexivo, pertencente à tradição da sabedoria bíblica. **Classificação** na Bíblia Hebraica: *Ketuvim* (Escritos), entre os sapienciais, tradicionalmente lido na festa das Tendas (*Sukkot*). **Autor** segundo a tradição: Tradicionalmente atribuído a Salomão, identificado como “filho de Davi, rei em Jerusalém”, embora a teologia católica reconheça tratar-se de um autor sapiencial posterior que utiliza a figura salomônica como moldura literária. **Local** dos acontecimentos: O livro se apresenta como fala de um “rei em Jerusalém” e utiliza a cidade e o ambiente régio como cenário simbólico de observação da vida, sem depender de uma narrativa geográfica contínua, pois seu foco é a reflexão universal sobre a existência humana. **Período** narrado: Não oferece narrativa histórica linear, mas reflexões sobre a condição humana, o tempo, o trabalho e o sentido da vida “debaixo do sol”. Período da **redação**: Provavelmente entre os séculos IV e III a.C., no contexto pós-exílico, quando a sabedoria de Israel dialogava com o ambiente cultural do mundo helenístico. Após Provérbios, que forma a sabedoria prática, e em continuidade com Jó, *Eclesiastes* aprofunda a purificação da fé diante dos limites do saber humano, conduzindo o leitor ao temor de Deus como única base firme.

COÉLET

Filho de Salomão... Texto escrito por um judeu da Palestina, provavelmente de Jerusalém. Pseudônimo. Muitos foram os grandes autores que se inspiraram no livro do *Eclesiastes*!

PINTURA SHAKESPEARE

Esta imagem é a célebre pintura *David Garrick as Richard III* (1745), de **William Hogarth**, representando o ator David Garrick no papel de **Richard III**. A cena retrata o momento dramático antes da Batalha de Bosworth: Ricardo desperta sobressaltado após uma noite atormentada por pesadelos. Observe os elementos simbólicos: a armadura caída no chão indica a guerra iminente; o gesto de pavor revela inquietação interior; ao fundo, quase discreto, está um crucifixo, lembrando o juízo moral que pesa sobre ele. A composição transmite instabilidade psicológica: o rei já venceu batalhas externas, mas é vencido interiormente pelo medo e pela culpa. Hogarth não pinta apenas um

governante, mas um homem cuja consciência o acusa. A arte aqui revela uma verdade profunda: o poder sem retidão gera inquietação e queda.

ECL 10,16

No Livro do Eclesiastes lemos: “Ai de ti, ó terra cujo rei é uma criança” (Ecl 10,16). O texto sapiencial não se refere apenas à idade cronológica, mas à imaturidade moral e à incapacidade de governar com prudência. O contexto contrapõe essa figura ao governante sábio e disciplinado. Quando falta maturidade espiritual, o governo se torna instável, e o povo sofre as consequências. O Eclesiastes não faz análise política no sentido moderno, mas oferece um princípio moral universal: a autoridade exige sabedoria, domínio próprio e temor de Deus. Sem isso, o poder degenera em desordem. A Escritura ensina que não basta ocupar o trono; é preciso ter a estrutura interior para sustentá-lo.

SHAKESPEARE

Na peça *Richard III*, de **William Shakespeare**, aparece a frase: “Woe to the land that’s govern’d by a child!” — eco claro de Eclesiastes 10,16. A obra retrata a ascensão ambiciosa de Ricardo ao trono da Inglaterra após a morte de seu irmão Eduardo IV. Os legítimos herdeiros eram ainda crianças, e Ricardo manipula a situação para tomar a coroa, eliminando obstáculos no caminho. A Inglaterra mergulha em instabilidade até sua derrota na Batalha de Bosworth. Shakespeare dramatiza aquilo que o Eclesiastes ensina: quando o governo nasce da ambição e da imaturidade moral, a terra sofre. O drama histórico torna-se ilustração viva da sabedoria bíblica. Assim, arte, literatura e Escritura convergem para a mesma verdade: o poder exige maturidade interior, pois sem sabedoria não há estabilidade nem paz para um povo.

OBRAS INSPIRADAS

Diálogo do desesperado com sua alma (Egito Antigo)

Texto egípcio do Reino Médio, apresenta um homem em crise que dialoga com sua própria alma sobre o sentido da vida e a tentação da morte. Assim como Eclesiastes, confronta o vazio da existência e a fragilidade humana, reconhecendo a angústia diante do sofrimento e da transitoriedade. Ambos revelam a universalidade dessa pergunta: qual é o valor da vida diante do sofrimento?

Cantos do harpista (Egito Antigo)

Esses textos funerários celebram a brevidade da vida e incentivam a desfrutar o presente, pois ninguém conhece plenamente o além. Ecoam o espírito de Eclesiastes quando afirmam que tudo é passageiro e convidam a aproveitar os dons da existência enquanto se vive, reconhecendo a limitação do saber humano acerca do futuro.

Epopeia de Gilgamesh (Mesopotâmia)

A busca de Gilgamesh pela imortalidade após a morte de Enkidu revela o mesmo drama que atravessa Eclesiastes: a consciência da morte e o desejo de permanência. Tanto a epopeia quanto o livro bíblico reconhecem que o homem não pode escapar ao limite da mortalidade, conduzindo à reflexão sobre o verdadeiro sentido da existência.

Vier ernste Gesänge – Johannes Brahms (1896)

Nesta obra musical, **Johannes Brahms** utiliza diretamente textos de Eclesiastes e do Novo

Testamento. Com tonalidade grave e contemplativa, as canções refletem sobre a vaidade das coisas terrenas e a inevitabilidade da morte, traduzindo em música a profundidade melancólica e reflexiva do texto sapiencial.

Soneto 59 – William Shakespeare

No Soneto 59, **William Shakespeare** medita sobre a repetição dos ciclos humanos e a sensação de que nada é verdadeiramente novo — eco direto da afirmação de Eclesiastes: “Nada há de novo debaixo do sol”. A reflexão poética dialoga com o tema da repetição histórica e da limitação humana no tempo.

Uma Confissão – Liev Tolstói

Em *Uma Confissão*, **Leo Tolstoy** descreve sua crise existencial, marcada pela percepção de que sucesso, fama e riqueza não dão sentido à vida — eco explícito da “vaidade das vaidades” de Eclesiastes. Sua jornada espiritual revela a mesma inquietação fundamental: somente uma relação com o eterno pode dar significado à existência transitória.

MEGATEMAS

O Livro do Eclesiastes desenvolve grandes temas que atravessam a experiência humana. A **procura** é o ponto de partida: o autor investiga a vida “debaixo do sol”, examinando prazeres, riquezas, obras e conhecimento, numa busca sincera pelo sentido da existência. No centro dessa investigação surge o **vazio**, expresso na famosa afirmação “vaidade das vaidades”, que revela a fragilidade e a transitoriedade de todas as realidades terrenas quando absolutizadas. O **trabalho** aparece como esforço necessário e dom de Deus, mas também como realidade limitada, pois seus frutos não garantem permanência nem controle sobre o futuro. A **morte**, comum a sábios e insensatos, ricos e pobres, recorda o limite definitivo da condição humana e desmonta as ilusões de autossuficiência. Por fim, a verdadeira **sabedoria** consiste em reconhecer esses limites e viver no temor de Deus, aceitando com gratidão os dons presentes e confiando que somente o Senhor dá consistência àquilo que o homem não pode reter por si mesmo.

DIVISÃO DO LIVRO

O Livro do Eclesiastes pode ser compreendido articulando-se a divisão da **Bíblia de Jerusalém** com a da **Vulgata Clementina**. A Jerusalém distingue duas grandes partes: **Primeira Parte (Ecl 1–6)** e **Segunda Parte (Ecl 7–12)**; já a Vulgata organiza o livro em **Prologus (Ecl 1,1–11)**, **Corpus operis (Ecl 1,12–12,8)** e **Epilogus (Ecl 12,9–14)**. Assim, a Primeira Parte da Jerusalém (1–6) corresponde, na estrutura latina, ao final do **Prologus** e ao início do **Corpus operis**, pois ali se apresenta a tese central — “vaidade das vaidades” — e começa a investigação existencial do autor sobre sabedoria, prazer, riqueza e trabalho. A Segunda Parte da Jerusalém (7–12) coincide com o desenvolvimento maduro do **Corpus operis**, onde predominam reflexões sapienciais diretas, advertências morais e a célebre meditação sobre a velhice e a morte (12,1–8). Finalmente, o encerramento identificado pela Vulgata como **Epilogus (12,9–14)** corresponde ao fecho conclusivo também reconhecido na Jerusalém, onde se reafirma a autoridade do ensinamento e se proclama o princípio definitivo: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos”. Dessa forma, Jerusalém enfatiza a progressão temática em duas etapas reflexivas, enquanto a Vulgata destaca a moldura literária tripartida da obra, ambas revelando a unidade interna do livro e seu movimento que vai da constatação da vaidade à afirmação final do temor do Senhor como fundamento da vida humana

HEBEL

Na pintura que contemplamos — tradicionalmente associada à figura de Abel — vemos um jovem justo, cuja vida, embora reta diante de Deus, é breve e frágil. Abel torna-se imagem concreta do conceito de *hevel*: sua própria existência é como vapor. Curiosamente, seu nome em hebraico é הֶבֶל, o mesmo termo central do Eclesiastes. Ele é justo, mas sua vida é curta; aceita por Deus, mas vítima da violência; sinal de inocência, mas marcado pela mortalidade. Assim, Abel se torna prenúncio não apenas da fragilidade humana, mas também da tensão entre justiça e brevidade da vida. O Eclesiastes ecoa essa realidade quando proclama “ vaidade das vaidades”: a condição humana é efêmera, não porque esteja privada de valor, mas porque não possui fundamento em si mesma. Diante disso, a sabedoria bíblica não conduz ao desespero, mas à reverência: reconhecer que somos vapor diante da eternidade é o primeiro passo para confiar na providência daquele que sustenta o que é frágil. Assim, Abel, a pintura e o Eclesiastes convergem para a mesma verdade: a vida é como fumaça — real, bela, misteriosa — mas somente em Deus encontra consistência e permanência

ECLESIASTES

PRIMEIRA PARTE

- **Prólogo**

Em Ecl 1,3 lemos que (ler) - Vejam que lindo o que Tomás de Kempis em sua Imitação de Cristo nos diz: De que nos serviria memorizar a Bíblia inteira e os ensinamentos dos filósofos se vivêssemos sem a graça e o amor de Deus? Vaidade de vaidades e tudo é vaidade, exceto amar e servir somente a Deus.

- **Vida de Salomão**

O primeiro problema. Aqui o autor coloca todo livro dos provérbios em dúvida.

Vamos ver o que os Padres da Igreja nos dizem sobre as riquezas acumuladas! Começando com São João Crisóstomo: Por que são em vão vastas e transbordantes riquezas? Porque elas não têm nenhum propósito útil. As riquezas são vãs quando compram luxo, mas deixam de ser vãs quando vão para os necessitados.

E São Gregório Magno: É como escrever na água, os prazeres desaparecem em seu fazer. Quando a atividade pára, o prazer pára, e nada é reservado para o futuro, nem é deixado para trás qualquer vestígio de felicidade. Não há vantagem para aqueles que trabalham pelo que é vaidoso.

- **Tempos e duração**

Essa é sem dúvida alguma a passagem mais conhecida por todos do livro do Eclesiastes! Vamos ver o que São Cirilo de Jerusalém nos diz sobre Ecl 3,2: No batismo se morre e se nasce no mesmo momento, sendo a água economizadora tanto uma sepultura quanto uma mãe. O ditado de Salomão "um tempo para morrer e um tempo para nascer" aplica-se a este único momento, que realiza ambos

- **A morte para todo vivente**

- **A sorte dos oprimidos é sem esperança**

Vamos ler juntos Ecl 4,12? Vejam o que São Gregório Magno nos diz: A corda é a fé na verdade que é tecida a partir do conhecimento da Trindade.

- **A prática religiosa e seus riscos**

- **O proveito e o dinheiro**

Agora vamos ler juntos Ecl 6,7! Vejam o que o nosso padroeiro, São Jerônimo nos diz sobre essa passagem: A passagem pode ser compreendida por alguém que conhece muito a Escritura, mas cuja alma não está satisfeita porque sempre deseja aprender mais.

SEGUNDA PARTE

- **7- Máximas de sabedoria e sua crítica**

Vamos ler juntos Ecl 8,14 - Vejam o que São Gregório Magno nos diz: Em sua misericórdia, Deus determina que os flagelos devem afligir os justos, para que eles não se envaideçam por suas obras, e que os injustos devem passar por esta vida sem punição, porque estão se apressando em direção a tormentos intermináveis. Que os justos às vezes são açoitados imerecidamente é ilustrado no caso de Jó.

Logo depois no difícil ditado do versículo 8,15 Santo Agostinho em seu belíssimo livro Cidade de Deus nos fala do beber e comer: A interpretação mais plausível deste ditado é em referência à mesa do Senhor, um sacerdote da linha de Melquisedeque que a fornece com seu Corpo e Sangue. Este sacrifício substituiu todos os sacrifícios da Antiga Aliança que o prefiguraram.

- **O Xeol para todos**

Ecl 9,2 - Uma sorte única para todos. Woody Alan e o filme Match Point

Em Ecl 9,7 voltamos a ler sobre o pão e o vinho e São Cirilo de Jerusalém nos diz: Eclesiastes alude à graça da Eucaristia, ao pão místico e ao vinho místico. O Senhor agora aprova o que os crentes fazem, pois antes de chegarem a esta graça, seus atos eram " vaidade de vaidades".

- **Sabedoria e insensatez**

- **Saber assumir riscos**

- **A idade**

Vamos ler Ecl 12,2 - E agora vamos ouvir o comentário de São Boaventura sobre essa passagem: Lembre-se do Criador agradecendo e voltando-se para ele antes que o sol escureça, ou seja, antes que Cristo, o Sol da justiça, escureça por uma perda de fé e antes que a luz escureça, ou seja, antes que se perca o amor e assim se perca a graça.

- **Epílogo**

Muitos acham que estes versos foram adicionados por um editor posterior que coletou e compilou os ditos de Coélet em sua forma atual. Isto é incerto, mas note (1) que o corpo principal do trabalho termina em 12,8 exatamente como começou em 1,2 (Vaidade das vaidades), e (2) que a perspectiva muda das próprias palavras de Coélet (1ª pessoa) para alguém falando sobre Coélet (3ª pessoa). Outro ponto de vista sustenta que Coélet vem dialogando e disputando com perspectivas contrárias ao longo do livro, apenas para revelar sua própria perspectiva nos versos finais.

E vamos agora ler os últimos versículos juntos - Ecl 12,13-14 e vamos finalizar com uma interpretação de São Gregório Nazianzeno: Com a declaração "temer a Deus", o pregador deixa de

ficar perplexo. Só isso é rentável para sua vida atual, para ser levado pela confusão das coisas visíveis e instáveis às coisas sólidas e inamovíveis.

— FIM DO LIVRO DO ECLESIASTES —

1 REIS 10-16

3. SALOMÃO, O COMERCIANTE

- **Salomão armador**

- **10- Visita da rainha de Sabá**

- **A riqueza de Salomão**

Reparem a quantia do ouro de Salomão em 10,14... 666... Vocês se lembram de algum outro lugar que esse número aparece? Ele também aparece em Apocalipse 13,18 como o número da besta, uma referência enigmática a um agente do mal que se opõe ao Messias e ao seu povo.

Isso significa aqui uma alusão a Salomão e seu ouro parece provável, já que o número representa a corrupção da realeza de Salomão por uma característica salomônica clássica, e com a atividade econômica de comprar e vender.

- **Os carros de Salomão**

4. AS SOMBRAS DO REINADO

- **11- As mulheres de Salomão**

Mas Salomão se ligou a elas por amor - aqui o pronome está no masculino em hebraico, ou seja, não apenas Salomão se liga as mulheres mas também aos deuses pagãos.

Astarte

Melcom

Camos

Moloc

Santo Agostinho nos diz que a luxúria não foi um hóspede temporário em Salomão, pois tomou conta de todo o seu reino. As Escrituras se recusam a manter silêncio sobre o assunto e, portanto, o condenam como mulherengo. Em seus primeiros dias, o rei desejava muito a sabedoria, mas depois de ganhá-la por meio do amor espiritual, ele a perdeu por meio do amor carnal.

- **Os inimigos externos de Salomão**

Adad e Razon

- **Revolta de Jeroboão**

Profeta Aías de Silo conta os planos de Deus. A divisão do reinado. 10 tribos do Norte e as 2 do Sul, de Judá. Salomão tenta matar Jeroboão, que foge então para o Egito.

Vejam que linda a analogia que São Cipriano faz dessa passagem! As tribos de Israel foram divididas, pois o profeta Aías rasgou sua vestimenta. Em contraste, o povo de Cristo não pode ser dividido, pois sua túnica, tecida como uma peça única, não foi dividida (cf. Jo 19, 23-24). Pelo sinal de sua vestimenta, Cristo declarou a unidade da Igreja.

- **Fim do reinado**

É o fim para Salomão e seu filho Roboão ficará em seu lugar.

III. O CISMA POLÍTICO E RELIGIOSO

A cronologia dos reis de Israel e Judá é difícil de ser reconstruída. Sua complexidade se deve a muitos fatores. Um deles é que os reinados dos reis nem sempre podem ser alinhados de ponta a ponta. Outro fator é que diferentes métodos de cálculo foram usados em momentos diferentes nos dois reinos rivais. Às vezes, o ano de ascensão do rei é contado no total de anos de seu reinado, como era costume no Egito, e às vezes o ano de ascensão é omitido do cálculo final, como era típico na Mesopotâmia. Em terceiro lugar, há algumas evidências de que os anos do calendário eram contados de forma diferente no período da monarquia dividida, com Judá iniciando cada ano novo no mês de primavera de Nisan e Israel iniciando cada ano novo no mês de outono de Tishri.

O que é mais óbvio é a grande diferença entre os dois reinos. O Reino do Sul de Judá foi claramente o mais estável: produziu 19 reis, todos da linha dinástica de Davi, e durou três séculos e meio. O Reino do Norte de Israel, por outro lado, foi instável durante grande parte de sua história: ele também produziu 19 reis, mas eles vieram de nove famílias dinásticas diferentes e durou pouco mais de dois séculos.

- **12- Assembléia de Siquém**

Aqui Roboão pede conselho aos anciãos que lhe sugere se submeter a vontade do povo e ser bom para com eles. E faz a mesma pergunta aos jovens que dizem tudo ao contrário. Roboão acaba escutando os jovens e acaba acontecendo o que todos tinham medo: “E Israel se separou da casa de Davi, até o dia de hoje.” 1 Rs 12,19

- **O cisma político**

Jeroboão como rei de Israel

- **O cisma religioso**

O pecado de Jeroboão ao construir os bezerros de ouro
Santuários em Betel e em Dã.

- **13- Condenação do altar de Betel**

Belíssima passagem do homem enviado de Iahweh à Jeroboão. Aqui reparamos como a partir de agora, os profetas, os enviados de Iahweh não são mais comprados ou fazem parte da Aliança com os Reis.

A restauração da mão ressequida ou da mão seca de Jeroboão antecipa um milagre de cura semelhante realizado por Jesus como um sinal de sua autoridade messiânica! Mt 12,9-14 e Lc 6, 6-11

- **O Homem de Deus e o profeta**

Vemos aqui um caso prático de falsos profetas e mentiras! O homem que diz ao profeta que tinha recebido a mensagem do anjo do Senhor estava mentindo e ao invés do profeta acreditar em Deus ele acreditou nas palavras de um homem.

IV. OS DOIS REINOS ATÉ ELIAS

- **14- Continuação do reinado de Jeroboão I (931-910)**

O final trágico da família e do reinado de Jeroboão que pelo seu pecado tem toda sua família exterminada por Deus sem ao menos poderem ser sepultados.

- **Reinado de Roboão (931-913)**

- **15- Reinado de Abiam em Judá (913-911)**

Abiam também peca como seu pai e continua a guerra contra Jeroboão e morre.

Vamos ler juntos 1Rs 15,3 - Vejam que o padrão pelo qual todos os outros reis de Judá são medidos. A questão não é que Davi não tinha pecados, mas que Davi era obstinado em seu compromisso com o Senhor. Em nenhum momento ele comprometeu sua fé em Yahweh, envolvendo-se em idolatria estrangeira ou patrocinando-a em Israel. Para o autor de Reis, portanto, a fidelidade do culto - em vez de um caráter impecável - foi o que fez de Davi o modelo de rei pelo qual seus sucessores são julgados.

- **Reinado de Asa em Judá (911-870)**

Asa foi um bom Rei para o seu povo e consegue melhorar um pouco a situação

- **Reinado de Nadab em Israel (910-909)**

- **Reinado de Baasa em Israel (909-886)**

- **Reinado de Ela em Israel (886-885)**

- **Reinado de Zambri em Israel (885)**

- **Reinado de Amri em Israel (885-874)**

- **Introdução ao reinado de Acab (874-853)**

2 CRÔNICAS 9-16

- **Glória de Salomão**

Aqui a história da rainha de Sabá também é contada

- **Morte de Salomão**

Aqui a história de Jeroboão é omitida, apenas se cita o nome dela e se diz que outro já a contou. Também o pecado de Salomão é omitido!

IV. AS PRIMEIRAS REFORMAS DA MONARQUIA

1. Roboão e o reagrupamento dos levitas

- **10- O cisma**

Aqui o cronista é obrigado a aceitar o fato do cisma, mas omitiu a história da revolta de Jeroboão, que o precedeu

- **Atividade de Roboão**

- **O clero junto a Roboão**

- **A família de Roboão**

- **12- A infidelidade de Roboão**

2. ABIAS E A FIDELIDADE AO SACERDÓCIO LEGÍTIMO

- **13- A guerra**

- **O discurso de Abias**

- **Fim do reinado**

3. ASA E SUAS REFORMAS CULTUAIS

- **14- A paz de Asa**

- **A invasão de Zara**

Este episódio não se encontra em Reis e não se sabe ao certo quem foi Zara. O número de homens do exército é claramente exagerado.

- **15- A exortação de Azarias e a reforma**

- **16- Guerra contra Israel**

- **Fim do reinado**